

D. ANTONIO PEREIRA FORJAZ

DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA
PROFESSOR ORDINÁRIO E DOUTOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

O LAR

CONFERENCIA

Realisada a 24 de abril de 1922

NA SÉDE DA

LIGA DA ACÇÃO SOCIAL CRISTÃ

COM UMA ILUSTRAÇÃO DE VELLOSO SALGADO



PORTYGALIA

EDITORA

73, Rua do Carmo, 75

LISBOA

1922

RC
MNCT
3
FOR

Coimbra Editora, L.^{da}

N.º de ordem 2682

Preço 1,00

O L A R

*Tempus faciendi, Domine :
dissipaverunt legem tuam.*

*(É tempo de intervir, Senhor :
dissiparam a Tua Lei.)*

(Ps. cxviii, 126)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TECNOLOGIA

Nº 664

*O producto desta edição
reverterá em favor da Ordem Terceira
de S. Francisco d' Assis*

D. ANTONIO PEREIRA FORJAZ

DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA
PROFESSOR ORDINÁRIO E DOUTOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

OLAR

CONFERENCIA

Realisada a 24 de abril de 1922

NA SÉDE DA

LIGA DA ACÇÃO SOCIAL CRISTÃ

COM UMA ILUSTRAÇÃO DE VELLOSO SALGADO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA

Nº 664



RC
MINCT
3
FOR



PORTUGALIA

EDITORA

73, Rua do Carmo, 75

LISBOA

1922

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres
Rua do Diário de Notícias,

*«Poema do Lar o livro que hoje escrevo,
Leia-o quem tenha a aspiração dum lar ;
E' ao meu pobre coração que o devo
E, dando-o aos mais, é a Deus que o torno a dar.»*

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA.

«Ter fé no Lar é ter fé no Lar Eterno
onde revivem os Mortos na paz.»

H. BORDEAUX,— *La Maison*, p. 324

Leão XIII, a História na mão, afirmou na sua encíclica «*Arcanum*»: «*A Família é o berço da Sociedade civil. E' no abrigo do lar que se prepara o destino dos Estados*».

Ei-la -- a voz infalível de Roma !

Ei-lo — o resultado indiscutível da experiência !

São Francisco de Assis, junto de Paola, caminho da Umbria, fez parar um blóco ímense que se despenhava sôbre seus irmãos, com estas palavras — que enterneceram a pedra : «*Fermati, sorella, per carita, fermati!*» «*Pára, minha irmã, por caridad pára !*»

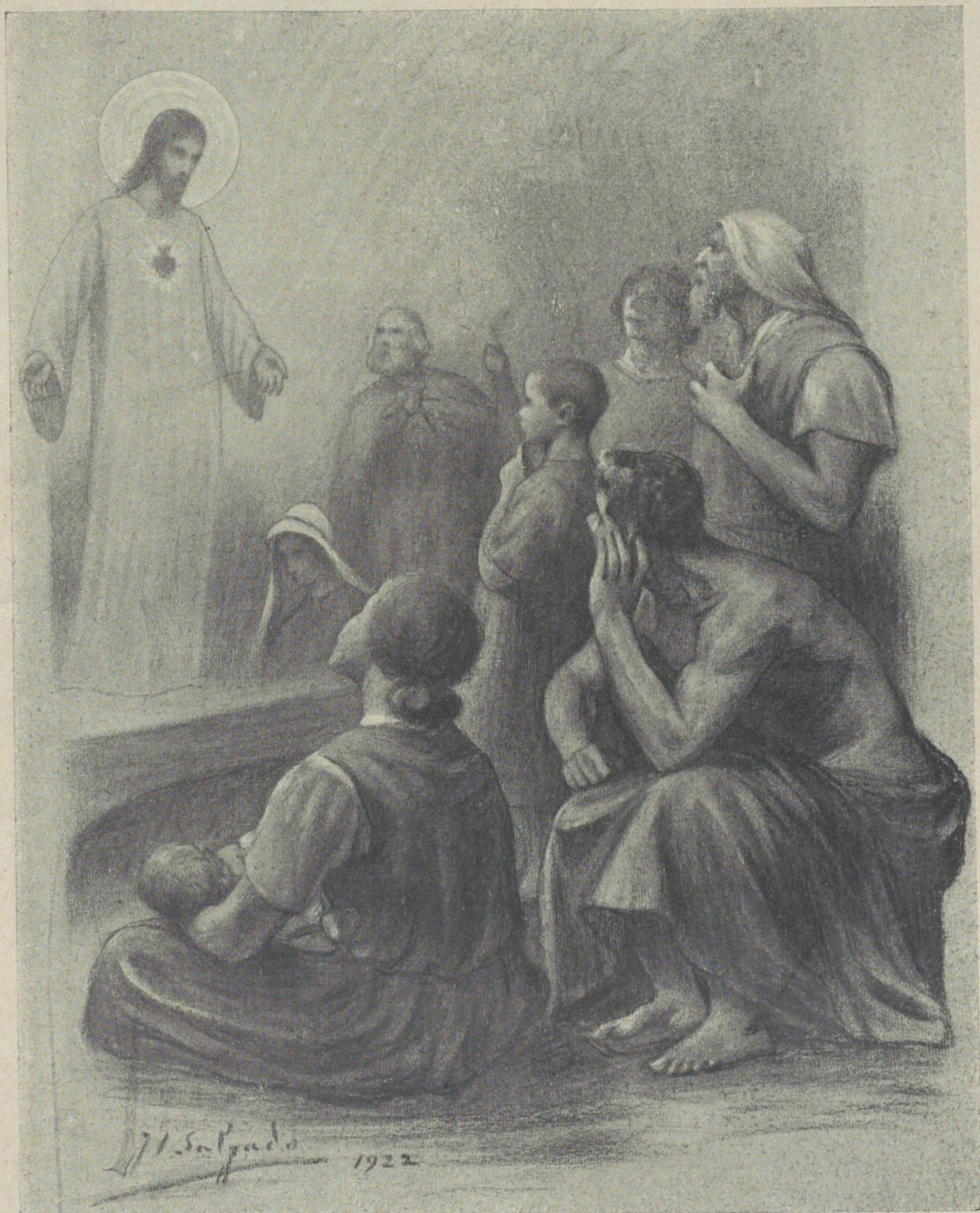
No meio da derrocada social em que nos encontramos vem á minha bôca palavras inspiradas nas do Patriarca de Assis: Por caridade, Família Portuguesa, por caridade suspende o teu despenhar que nêle arrastas o génio secular da Raça ! Virgem-Mãe, Padroeira da Pátria, envia á minha Terra homens bons, de Sciência e Tradição, patriarcas antigos que se venham sentar nas lareiras desertas, obreiros da Casa e guardiães do Lar.

* * *

Esperando tudo do auxílio divino faça cada qual, individualmente, aquilo que puder para reconstituir a célula social: a *Família* ; para que os tecidos que são *as Classes* se diferen-

ceiem; para que os órgãos que são *Municípios* e *Provincias* se autonomizem; para que a *Nação* se forme, polarizada por uma única inteligência, unificada por um mesmo pensamento.

E' por isso que eu venho falar aqui do lar; para que outras vozes se ergam; para que as energias dispertem; para que Portugal viva.



... Só o próprio Jesus, coração aberto
a todos os vendavais hodiernos ...

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Estudêmos

O LAR

acompanhando-o na sua evolução.

O que foi o *Lar* de ontem ? O que é o *Lar* nos nossos dias ? O que será o *Lar* d'amanhã ?

Sugestivos e importantes problemas que nos propomos considerar muito sucintamente em três capítulos diferentes que subordinaremos aos títulos de

LAREIRAS EXTINGTAS
«FÓGOS» QUE ARDEM
LARES D'AMANHÃ

Tratemos, em primeiro lugar, das

I. Lareiras extinctas

Como foram elas ?

Quem se aqueceu nelas ?

Que as cinzas frias das lareiras,

Cinzas d'antanho

nos digam o que viram.

Vimos — dizem-nos elas ! — o respeito dos filhos, a integridade dos pais, o culto dos mortos ; fomos ás festas longas de família onde se reuniam três e quatro gerações ; assistimos á magistratura veneranda do *chefe* ; ao seroar das donas e donzelas ; ao galanteio dos môços ; a actos de virtude e de bravura.

Vimos, — vão elas repetindo pela bôca de Fustel de Coulanges, — vimos em cada casa um altar e em volta dêsse altar a família reunida. Todas as manhãs ela assim procede para dirigir a Deus as suas primeiras preces e todas as noites para O invocar uma última vez. E ao acender das candeias — « *O Senhor nos dê muito boas noites* » — patrões e criados ceam, beijam a mão do chefe de família antes de recolher, — e é sempre o chefe o último a lançar, nas brasas da lareira, a última pá de cinza . . .

Vimos como o Lar, na sua feição cristã e patriarcal, tinha o segrêdo da Arte de envelhecer, « ubi tu Caius, ego Caia », duas almas acabando quâsi por se confundir no sacrificio continuo de si a um outro si-próprio, observando na intimidade delicadezas que são quâsi uma religião, — a sua união participando do divino, o seu amôr participando da eternidade !

Vimos a Senhora da Guia presidir, numa imagem tôska, aos serões de inverno, nas casas tristes dos marinheiros e pescadores, quando a família pensa nos naufrágios, quando a tempestade presagia desgraças, quando se resa, baixinho, pelo timoneiro da Casa, que anda em perigo talvez, sôbre as águas do mar . . .

Vimos . . .

. . . mas deixêmo-las contar coisas desaparecidas, que o vento soprou nas lareiras e Portugal é uma paisagem de cinzas !
Ao menos, as pedras resistem. Oiçamos

A Voz das Pedras

Edouard Estaunié escreveu um romance, *Les choses voient*, em que são as vozes dos objectos inanimados que nos contam os dramas familiares : o relógio que soou em horas de tragédia, a se-

cretária que encerrou cartas d'amor e de perfume, o espelho que reflectiu rostos lívidos e descompostos. Os objectos viram ; os objectos sabem ; os objectos contam . . .

«*Objets inanimés, avez vous donc une âme ? . . .*» perguntava Lamartine. — Pedras falái ! . . .

. . . Ei-las, no Norte, nêste majestoso solar de Castro. E' dos Machados. Apregoam façanhas de D. Mendo Moniz, que arrombou, a machado, as portas de Santarem. Estas são modestas ; não figuram em frontaria rendilhada ou em orgulhosa torre de menagem. Abrigaram Però Galego, em Viana, nas horas de descanso para os piratas argelinos. Ouviram-no contar, um dia, ao voltar de Cadiz, onde arribára a sua caravela, que defrontara a esquadra hespanhola de D. Pedro Navarro. Não fizera os cumprimentos do estilo ao altivo almirante hespanhol pois conservára, impoluta, uma fibra virginal incapaz de ser contaminada ; o orgulho da sua estirpe e a honra da Terra-Mãe. Pedro Navarro ordena-lhe que arrie a bandeira da Pátria e salve á bandeira de Hespanha. Responde com uma descarga no navio chefe, que fere o proprio almirante, levanta ferro de improviso, larga pano e mete-se ao mar sob o pasmo do inimigo, — casca de nós onde pulsa um coração lusiada ! — levando bem desfraldado o pavilhão portuguezes.

Aquelas são d'arcos românicos nas catedrais antigas ; albergaram a Fé nos tempos medievais ; da Fé surgiu a Nação !

Agora são pedras dispersas, no terreno alcantilado do Busaco. Repetem aquilo que os nossos vélhinhos contaram ao serão, olhos chamejantes, proezas da Raça — que as não tem superiores a história de nenhum paiz . . .

Avançavam as tropas nunca vencidas de Massena, de Ney, de Régnier e Junot. O coronel Muniez, á frente do 31 francês, rompeu o ataque, em Santo António do Cantaro ; como se entrasse num baile, todo o orgulho napoleónico a brincar-lhe no sorriso, para desalojar a divisão anglo-portuguesa nem a espada quiz arrancar da bainha. Os recrutas minhotos, rostos encandecidos pela vergonha do revés, olhavam as quinas azuis, que tremulavam, ao centro, palpitando nas mãos do porta-estandarte.

«Rapazes, bradou o padre rústico que viera com êles, das bandas do Ave, compartilhar agruras com o seu rebanho, — rapazes, estão fóra d'aquí vossos pais, distantes as conversadas, longes as casas onde nascestes e as egrejas onde fostes baptizados...»

e como nada disso poude vir, mandaram a representá-los êsse bocado de sêda que o vento agita por cima de todos — a bandeira ! . . . »

. . . e os rapazes, sem barba, de infantaria 8, crianças arrancadas aos lares cristãos do Minho, rechassaram, nessa manhã de glória, as águias napoleónicas, arremessando-as para sanguinário crepusculo !

Aquí, sôbre poemas maravilhosos, em rendas de lioz, um nôme ressonante, onomatopeia da libertação :

Aljubarrota.

. . . E ao fundo, no extremo sul, esguio, misterioso, o promontório de Sagres guarda avarento a história trágico-marítima e aponta ao mundo, como flecha de luz, os caminhos da Navegação e da Conquista . . .

Blocos dispersos, são *corações da Patria* donde partem, como arterias gastas pelo Tempo, as mais velhas raizes do Roble Portuguez.

Olhêmo-las — ás

Raizes Velhinhas

Familia nobre é — como escreveu Bourget — família que dura.

Constituiu-se um lar sujeito ao trabalho salariado : a família é *plebeia* ; alcança-se depois o desafio económico : a família é *burgueza* ; a casa adquire notoriedade, aparece o *peso do nome* : a família é d'óra ávante *nobre*.

A *teoria da nobreza* toda se resume na *selecção dos melhores*. Ontem havia o conceito da honra. Viver à *lei da nobreza* equivalia a viver desinteressadamente, a saber *servir*. Nos *Privilégios da Nobreza*, de 1806, diz-se que «quanto quizermos ter de nobres e de honrados tanto teremos de martirisados». As raizes vélhinhas são pois, para o Estado, um dos mais fortes alicerces, fornecendo-lhes um viveiro de competências e de caracteres em que êle pode fazer um util recrutamento dos seus mais prestimosos servidores ; formam *uma classe, aberta para a entrada e para a saída*. As famílias sobem do anonimato á nobreza por um

trabalho perseverante e lento, a *capilaridade social* de Vacher de Lapouge, que reduz o individuo ao seu justo papel social de *obreiro da casa*.

. . . Mas as raízes vélhinhas andam esquecidas e deixaram-se esquecer. A velha aristocracia, de formação cristã, firmada no conceito da propriedade e da selecção natural, estabelecia ordem social, hierarquizava os valôres, constituia padrões, exemplos. Na sociedade estabelecia-se uma gama de competências, intellectuais e morais.

. . . Promulgaram-se os «*direitos do homem*»; iniciou-se com a democracia o «*patriciado da mediocridade*» e a era da inveja; o arrivismo individual criou o ódio do inferior para o superior; foi esse ódio que suprimiu a Deus!

E a *Familia* ficou sem função; e a *Casa* ficou deserta. O descalabro consumou-se com a formação de gerações sucessivas de «*toureiros arrojados, de boleiros destros, de arruaceiros valentes* — como escreveu D. Maria Amália Vaz de Carvalho, estudando o meio em que viveu D. Pedro de Sousa Holstein — que usando os nomes mais gloriosos do velho Portugal deixaram no meio de tropelias e desordens extinguir em si toda a autoridade tradicional e herdada. . . »

Raízes velhas da Raça! Nesta «*poeirada d'homens*», na frase de Taine, a selecção scientifica vai realizar-se, tem de se realizar, condicionada pelas leis naturais da concorrência vital. Da *preparação da hereditariedade* que fizerdes hoje, depende, em parte, o paiz d'amanhã; a responsabilidade é tremenda, pelo testamento do Passado, pelas exigências do Futuro.

Não abandonêmos, nós, as *lareiras extintas* sem entrarmos juntos, muito de passagem, nos cenáculos d'outróra, onde mais refulgiu o talento e o saber. Aberdemos êsses

A'trios de luz

Em todos os tempos as mulheres tiveram a aspiração de criar como um producto artificial da sua fantasia e do seu orgulho, o lar-inteligência; dessa aspiração nasceram os *salões*.

Um salão, escreveu Maria Amália Vaz de Carvalho, não é

«uma grande sala em que se dança ; não é um *club* tempestuoso em que se discute : não é um circo franco em que todas as mediocridades teem direito de entrada...» O lar-inteligência era «um meio artificialmente temperado em que a excessiva polidez era um dever moral sacratissimo... em que a convivência entre os homens da mesma educação, da mesma esfera intelectual — em salões presididos quasi sempre por uma adoravel figura feminina, inteligente, affectuosamente hospitaleira, capaz de adivinhar tudo o que não sabia, de compreender tudo o que não aprendera, de animar com a sua simpatia delicada a discussão pacifica e moderada de todas as questões mais graves, — em que uma convivência destas era a suprema deleitação da vida, o privilégio mais querido da aristocracia de raça e de pensamento !»

O apogeu destes cenáculos da intelligencia — atingiu-o o século Luiz XIV.

Então o *salão azul* de S. Thomaz do Louvre, presidido pela Senhora Marqueza de Rambouillet, regorgita de graça e polidez e obriga a nobreza a trabalhar. A alma das recepções é o engenhoso Voiture. Sobresai a batina vermelha do cardial de Richelieu. Cruzam-se as vozes de Corneille e de M.^{me} de Sévigné, de Malherbe e de Balzac — e numa noite memoravel, Bossuet, com 16 anos apenas, recita o seu primeiro sermão, o que fez dizer ao malicioso Voiture, referindo-se á hora do discurso e á idade do orador, que nunca ouvira prégar, «*nem tão cedo, nem tão tarde*».

Lisboa teve tambem os seus salões que se foram, infelizmente, fechando.

«...os serões de Portugal

Tam falados no mundo, onde são idos ?» Já perguntava Sá de Miranda.

Entre as figuras femininas que merecem citação lembremos a da Duqueza Dona Joana de Mendonça que «*fulgurando um momento, como diz Luciano Cordeiro, no culto e na palavra apaixonada dos poetas e dos cronistas da corte, desaparece completamente na grande obscuridade da virtude tranquila e silenciosa do Lar,*» e a da Marqueza d'Alorna, a celebrada Alcipe.

Dois dos últimos salões de Lisboa foram êsses da Rua Formosa, de Dona Maria Kruz, onde se educou toda uma geração de politicos e de homens de letras e da Travessa de Santa Cata-

rina, verdadeiro *bureau d'esprit*, como escreveu o Senhor Conde de Sabugosa, onde Dona Maria Amalia Vaz de Carvalho, do fundo da sua *chaise-longue* ia coligindo notas para a sua encantadora obra *Nomeu cantinho*. Foi dêste último cenáculo que brotou numa tarde, mercê da sugestão duma outra illustre Senhora, tambem já desaparecida, a Senhora Duqueza de Palmela, que vinha, por sua vez, dum *atelier* de escultura — foi dêste último cenáculo que brotou êsse esplêndido trabalho *A Vida do Duque de Palmela*, o mais alto padrão do talento feminino português.

Sôbre êstes lares-inteligência vejo outros mais vastos cenáculos do Pensamento, onde figuras ascéticas se debruçam, a desóras, sôbre vinhetas e iluminuras, e vão após, pelas sombras dos claustros, salmodear páginas dos antifonários, na hora glacial da terceira Matina! Os conventos extintos, moradas de oração e de trabalho, de luz e de virtude, eram os lares do Senhor!

Mas deixêmos evocações saudosas. Fechou-se a *Casa antiga*. Olhemos juntos os

II. «Fógos» que ardem

Lar-confôrto

O *lar-confôrto* é o *home* inglês. Ninguém o definiu melhor que Ruskin:

«O *home* é o lugar de paz, o asilo que protege não só contra toda a injúria, mas contra todo o êrro, dúvida ou discórdia. . . se as anciedades da vida exterior lá se infiltram; se algum dos esposos consente que o mundo desconhecido ou hostil, sem seriedade e sem amor, transponha o limiar, já não ha *home*.»

Infelizmente «o português nunca possuiu, como não possui hoje, por via de regra, o segredo de se enflorar, pobre ou rico, das bagatelas inteligentes que na casa inglesa aparecem dispostas com uma arte sempre nova e sempre significativa; é mais severo, menos embrincado e mais sombrio,» — escreveu o saudoso Visconde de Castilho.

No *lar-confôrto* o homem não existe. Como disse Georges Valois, «só existe o Pai e o Filho e o Espírito que os une».

Ao serão, nos dias dos mortos, nas festas de família, vê-se bem que o *lar-confôrto* é uma pátria pequena com «as suas três ordens, como uma nação bem ordenada: o seu clero de cabelos grisalhos, a sua nobreza de cabelos pretos e o seu lindo povo de cabelos loiros» -- como idealiza Faguet.

Não só os *maples* dão confôrto; a atmosfera moral dá muito mais. Por isso nêste lar, todo agasalho, as *Andromacas*, as *Penelopes* e as mães dos *Grácos* teem um valor; as *heroínas do boudoir* não teem nenhum.

No *lar-confôrto* a dona da casa, para bem exercer o seu matriarcado adentro do gineceu, conhece os principios da economia doméstica; tem uma biblioteca especial onde sobresaem livros como os de Moll-Weiss e Delorme, onde se encontram receituários para medicina de urgência, onde a puericultura e a bromatologia são apresentadas numa fórmula perfeitamente acessível.

A mulher do *lar-confôrto* vive para o lar; só depois para o mundo: «A mulher do mundo difficilmente se conserva mulher do seu marido» . . .

. . . Não é frase de moralista velho; é juízo duma gentil rainha!

No *lar-confôrto* ao lado do amôr conjugal scintila um outro amôr -- o mais puro: o *amôr maternal*.

Quando, aí por 1752, o *S. Gabriel* largou de Lisboa em demanda de Gôa, a nobre Senhora Dona Maria Leonor de Lemos e Menezes apertava ao peito uma criancinha dum ano. Mas nas paragens em que Adamastor domina quiz a sua má sina que o navio sossobrasse. Óra no dia seguinte ao da catástrofe outra embarcação, o *S. Tiago*, foi encontrar, nuns penedos, a infeliz mãe já morta, abertos de feridas os braços nús pelos dentes da desgraçada a quem o leite secára -- e o inocente filhinho, chupando inconsciente, o sangue, ainda môrno, que o amôr materno lhe déra!

Procediam assim, em 1752, as mães cristãs do meu paiz. Tambem no *lar-confôrto* muitas mães sádias -- 90 % o podem fazer! -- alimentam seus filhos, primeiro com leite, -- que para elles é sangue -- e mais tarde com a *vida* que é o *pão do Senhor*! Era tão bom ficarmos sempre aqui, nêste *lar* em que a luz é dis-

creta e as côres se harmonisam, aconchegados á meza do serão, repleta de revistas e de trabalhos femininos! . . .

A atmosfera é quente, carinhosa — mesmo não havendo *chauffage*! . . .

. . . Coragem! E' preciso deixá-la. Subamos juntos a um quarto andar. Entremos no

Lar-miséria

O *lar-miséria*, existe infelizmente, pelos nossos campos fóra e principalmente pelas nossas cidades.

Aparente paradoxo o *lar-miséria* vai proliferando á medida que os nossos estadistas vão aluindo a propriedade, «*Desde que ecoou por nossos montes e valés — escreve o Senhor Conde de Nova Gôa — a sentença, tangida das alturas, de que o proprietário passava a ser o «detentor» da propriedade, nunca mais se trabalhou com vontade progressiva na terra pátria.*»

«*O que é uma familia senão o mais admiravel dos governos?*» — perguntava Lacordaire. Nós não temos governos; como havemos de ter famílias? . . .

Em Portugal o combate ao *lar-miséria*, o estímulo ao pequeno proprietário e a estabilização do lar, afirmaram-se pela lei das sesmarias, segundo a qual os proprietarios eram obrigados a cultivar as terras ou a cedê-las por enfiteuse aos agricultores; em seguida veio o estabelecimento dos bens de avoenga, dos morgados e capelas, as tentativas para a constituição dos *bens de familia* — iniciadas talvez por Oliveira Martins, com o seu projecto de lei dos *casais continuos*, prédios rústicos com uma casa, pelo menos, de exploração rural onde o cultivador residisse. O meu falecido amigo Xavier Cordeiro, os srs. Elviro de Brito e Dr. Moreira Junior tambem se occuparam do assunto.

Hoje uma das fórmãs de combater o *lar-miséria* é a construcção das casas económicas pelo Estado. Mas . . . se êste tambem é *miséria*? . . .

O *lar-pobreza* tem como pai o *urbanismo* e como mãe a *preguiça*; á sua filha chama-se *emigração*.

Eu creio que nunca houve tanta *miséria* — material e moral — como depois que se criou o Ministério do Trabalho. Ao

operário falta hoje todo o incentivo para a faina quotidiana ; enfraquecido por um estado permanente de botulismo, não tem fé, não tem energia e não tem previdência. A' sociedade cabe o direito de obrigar os operários a constituir um fundo de aposentação para os dias máus — de velhice e invalidez. Os seguros sociais obrigatórios, numa época de industria como a nossa, impõem-se. Perante o facto consumado : o *lar-miséria*, os cristãos tem o dever de entrar nêle — como o fazem as figuras brancas das Irmãs e das Senhoras de Caridade — a socorrer os indigentes, a internar os inválidos em hospícios especiais, a colocar os adultos num emprêgo util, a ministrar aos menores uma educação e a aprendizagem dum officio.

Nos tugúrios dos lares água furtada ha irmãos em Cristo bebados de miséria : reconstruir-lhes o lar — não vejo obra mais linda e carinhosa para um coração de mulher !

Estudado o problema das habitações operárias façamos nós um grande sanatório d'almas, *O Retiro*, como existe na Bélgica, onde os operários meditem e aprendam os principios de vida social, maravilhosamente contidos nas páginas luminosas do Evangelho.

. . . E entretanto, tenhamos a loucura da Caridade que é ainda a mais santa das loucuras ;

« *Um pobre á nossa porta, diz o Poeta,
é sempre o Senhor Deus que nos visita !* »

Pelas noites escuras, corroidas pela Fome, saem do *lar-miséria* muitas desgraçadas, alucinadas e inconscientes, que vão ser, ao despontar da manhã, as *sem-lar*.

Êsses fantasmas que passam na noite, olham, com um olhar que mal vê, as moradias de insolente luxo, que lançam, no mistério da treva, notas de som, fâchos de luz.

As desgraçadas sombras espectrais vão fugindo, mas nós podemos entrar. Com mais cerimonia do que ha pouco, batamos á porta do

Lar-museu

O *lar-museu* é um lar para *ser visto*; nunca para *ser vivido*.

Je veux vous reconnaître a votre ameublement, à votre logis, comme au son de votre voix et à la couleur de vos yeux, escreveu Marcel Prévost. Hoje o *bibelot* predilecto da dona do lar-museu é o seu automovel. Fala-se muito, nos diários, do auto-homicida: creio que estrofia muito menos pessoas do que nascimentos impede. . .

Só hoje os novos ricos iniciaram os *lares-museus*; com effeito, em Portugal, nunca as habitações particulares foram de grande luxo. O grandioso gótico século XV que lá fóra deu tantas residências de nobres não se casava com o viver pautado dos nossos antepassados. Só os tectos de cupula de camaras, só as paredes e portas dos salões eram por vezes de madeira do Brazil ou do Oriente, marchetados, com pinturas e doirados de certo valor. O azulejo — êsse sim: enfeitava por dentro salas e escadarias, revestia as severas paredes caiadas, apenas cobertas, de onde em onde, ou por panos de Granada ou de guadamecins.

E se acompanhássemos combates e montariás que os silhares de azulejo nos vão divulgando, topariamos com algum lindo bufete de carvalho coberto de seu pano de damasquillo verde, com algum cofre axaroadado, enfeitado de *albarradas* de loiça chinesa com flôres da *Quinta*, com *cateis*, espécie de sofás, e *escriptórios*, as nossas secretárias. Sôbre lindas mesas de coiro da Índia alguma salva de prata, contendo tinteiro e poeira, castiçais simétricos e a indispensavel *espevitadeira*, — tudo português genuino. O viver antigo concentrava-se no remanso do Lar, não se expandia por teatros, clubs e cafés; nos entretenimentos domésticos se encurtavam as horas feridas dos serões. Só quando os filhos das casas passaram, não a moirejar nas terras da Conquista, mas a embriagarem-se nos sitios de bom tom, só então o luxo invadiu o lar deserto, destruindo o concheço intimo da habitação.

Os estilos admiráveis dos lares-museus, das casas nôvorigo, teem um nôme genérico, que a todos se applica: são os *estilos-ausência*. Entre tantos *bibelots* preciosos de Sévres e Saxe

que refulgem nos mostruários vive o micróbio da neurastenia; entre tantos bens existe um mal: é o *mal da desesperança* que foi estigmatizado, neste mesmo lugar, pela senhora Condessa de Vinhó e Almedina, ilustre figura de mulher cristã que eu neste instante com saudade evoco.

E' claro que no *lar-museu* não ha crianças: podiam estragar o mobiliário e com certeza estragavam o epicurismo da vida. Se existe um filho, um único filho — entregaram-no a mãos mercenárias, encontra-se eternamente ausente. E no emtanto o *deficit* da população é tremendo. Pela última estatística demográfica, de 1921, vê-se, por exemplo, que no districto de Lisboa, em 1918, nasceram cêrca de 25.000 crianças e morreram mais de 38.000 pessoas; em 1919, no districto do Pôrto o número de óbitos elevou-se a mais de 20.000, ao passo que o número de nascimentos, foi cêrca de 19.000!... Cifras de morte!...

No *lar-museu* ha fogões, ha tapetes e ha peliças... mas trememos de frio!

... E' para nos habituarmos porque vamos passar do frio ao gelado ao penetrarmos juntos no

Lar-sorvete

Lar-sorvete — assim se pode chamar um lar gelado, que facilmente se liquefaz.

A história do *Lar-sorvete*?... Que o diga a pena admiravel de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho;

«*Ele* tinha uma fortuna sufficiente; *ela* aquilo que a nossa burguezia define como uma *bonita educação*. Eram moços ambos, e tendo-se encontrado quatro ou cinco vezes — no passeio, em um baile, no teatro e na missa — estavam inteiramente persuadidos de que se conheciam a fundo e se adoravam, para a vida e para a morte!...

... Com toda a pompa de um casamento de *primeira classe* teve lugar a cerimonia nupcial que unia para o resto da vida dois patetas. O primeiro capitulo desta união podia intitular-se: «*Das surpresas mutuas*». Não havia em nenhum dêles um hábito único, um único gosto, uma única relação, uma única

mania, que aos dois fôsse comum! Não falo das opiniões; nenhum tinha opinião. Não falo das idéas; nenhum tinha idéas. . . .

Hoje a casa dos dois é apenas um logar por onde se passa; deixou de ser o centro onde se habita.»

O *lar-sorvete* é sempre formado por um ateu e uma crente; por uma livre pensadora ou pelo menos mulher avançada e por um cristão; mais raramente por dois entes que gravitam fóra do grémio da Igreja; nunca por dois católicos praticantes. Só estes teem, com efeito, a mágica filosofia da palavra *sempre*.

Os lares amorfos, mórnos, frios, dum frio que vai até ao gelado, são geralmente productos híbridos, resultantes, em via de regra, duma senhora romântica que deseja converter um homem frívolo, dum homem crente que deseja regenerar uma cabeça leviana; são sempre resultados das *uniões-mixtas*. Da parte antagonista á parte sã formula-se um raciocínio perfeitamente oposto e como as obras de destruição progridem sempre mais facilmente do que as de construção, formam-se numerosos lares sem consistência alguma, envernizados a principio com uns reflexos cristãos, que a mais leve aragem atira por terra.

«Mãe, perguntam os filhos, quando seremos bastante grandes para deixarmos, como nosso pai, de irmos á missa? . . .»

A apologética hoje está quasi confinada á apologética do exemplo. Meia duzia de lares cristãos, fortes, aromânticos, cheios de alegria, de bem estar e de paz constituirão seis poderosos núcleos de reconstrução social e farão mais do que seis grossos volumes de apologética.

Lembra *Clarinha* que no tempo de D. João I a austera rainha D. Filipa de Lencastre nunca admitiu amôres na sua córte. As ordens eram terminantes e recebidas á noitinha; «Manda-vos El-Rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhã.» «Quem?» «Não importa, a tempo o sabereis.» Afirma Oliveira Martins que êste exemplo devia convencer os românticos do muito que a disciplina pode sôbre os homens, pois estas uniões foram perfeitos modêlos de virtude e de força.

Hoje em Portugal vive-se num regimen literalmente oposto. Ensina-se ás raparigas francês para responder á costureira, inglêes para o passeio da *miss*, tudo, menos a ser *educadôra*, tudo, menos a arte de ser mãe, que é a base do conceito cristão pri-

mordial do casamento, conceito que é completado por uma finalidade mais secundária: o aperfeiçoamento mútuo de dois espíritos afins.

E a arte de ser mãe é uma escola de sacrifício! E o aperfeiçoamento individual é uma escola de mortificação!...

Constituído o *lar-sorvete*, eis-nos a 0°!...

A mulher, ou toma atitudes hieráticas ou esquece a obrigação que tem de se alindar para reter, no lar, o marido e os filhos. Antero de Figueiredo na sua conferência «*A arte na educação da mulher*» chama a atenção das senhoras para este ponto que elas tantas vezes, infelizmente, esquecem, defendendo-se com a desculpa pueril de que os maridos as apreciam assim mesmo. Em corpo e em espírito a mulher deve criar uma individualidade que a faça distinguir bem, pelo marido, das outras mulheres. Ora a maioria das mulheres de hoje veste-se mal para estar em casa e despe-se bem para sair á rua.

... Liquefaz-se, facilmente, o *lar-sorvete*; é nas suas águas que navega o *divórcio*, esse morbus social contemporaneo, que é um producto immediato do amôr romanesco; «*amar não é nada; é preciso que o amôr seja abençoado*».

Não foi este principio formulado por qualquer frade velho que estudasse corações através *in-follios*; pelo contrário, é filho da experiência e foi gizado por uma pena escura que se molhava em lama: a de Emilio Zola.

Mas o grito insuspeito do psicólogo realista é um golpe de morte no romantismo exagerado e doentio, no sentimentalismo excessivo e mórbido que chegou a conspurcar o divino e imortal cristianismo — com *snobismo* e com marmelada!...

A dolorosa peregrinação que nos propuzemos efectuar, vai ter o seu terminus na necropole da familia contemporânea, no

Lar-venéno

Quantas caveiras, com tibias entrelaçadas, eu julgo vêr sobre os números dos portais!...

Ha lares-veneno em todas as camadas, em todas as ruas, quasi em todas as habitações. Nas classes mais elevadas existe hoje um tipo de mulher que dá muitos lares desta espécie. Tenho a

honra de a apresentar pela bôca de Trindade Coelho. O diálogo passa-se na praia :

« — Empresta-me um livro, doutor ?

— Quantos anos tem minha senhora ?

— Dezasseis. Mas eu leio tudo, *absolutamente* tudo.

Êste advérbio, intencionalmente silabado e sublinhado, não é um advérbio : é um simbolo. *Mademoiselle* é certo anda nos 16 anos. Filha de burguezes ricos, tem um pai e uma mãe que a vigiam, uma *institutrice* que a dirige e uma roda que a inveja. *Mademoiselle* tem já mesmo a sua vida áparte. O *chauffeur* e o cocheiro recebem directamente as suas ordens ; servem-lhe o almoço e o jantar nos aposentos se está com *migraine* ou se o último romance a perturbou . . .

Mademoiselle nas termas e nas praias proclamou o triunfo do americanismo das *poses* e das atitudes sôbre a severa postura de várias senhoras escandalizadas e *antigas* . . .

. . . domina pela fortuna, triunfa pelo *argot*, confunde pela impertinência.

. . . No entanto, que severo e austero o pai de *mademoiselle* !

Conservador por indole e por situação . . . não pode compreender que a sua família . . . a sua tranquilidade e a sua fortuna continuem á mercê de uma propaganda desenfreada e dissolvente, . . . »

Diz bem, Trindade Coelho : *mademoiselle* é um simbolo ; mas podemos acrescentar que os pais tambem o são !

E *monsieur garçon-à-femmes* ? . . .

Ah ! Para estudar o *lar-veneno* nas suas origens, só os grandes clínicos da consciencia que são os pastôres d'almas cristãos ! E porque assim é, escutemos a voz inconfundivel dum prior de Paris, Piérre l'Ermite, repetindo aquilo que ha dias me dizia um dos mais illustres priores de Lisboa :

« . . . une tristesse intime et profonde du coeur du prêtre c'est de voir telle enfant exquise, dont la jeunesse toute entière s'est passée à remplir son âme de vertus pour parfumer la vie de celui que Dieu lui donnerait un jour à aimer . . . de voir cette jeune fille conduite à l'autel par un de ces petits messieurs exaspérants et fats, auxquels, la veille, le prêtre a refusé l'absolution dont, d'ailleurs, le marié se souciait comme de son premier monocle.

...Que de fois, dans ma vie sacerdotale, j'ai vu partir l'épousée toute blanche, au milieu de l'église en fête, et, en fermant mon bréviaire, j'ai murmuré :

Pauvre petite ! »

Os candidatos ao *lar-veneno* receberam uma educação estrangeira, anti-tradicional : inverteram todos os sentimentos ; o seu perfeito retrato foi feito num livro tão francamente imoral, que chega a ser moral — pois a mais pérfida arma da imoralidade é a hipocrisia e a dissimulação ; refiro-me a « *Les Jeunes* » de Lavedan.

No *lar-veneno* «pervertidos os corações no vil câmbio com o modernismo» fáz-se a *conspiração ímpia de homicidas*, na linguagem enérgica do concílio de Trento ; os ganhos honestos não contam para nenhum dos consortes, associados na vida ou por duas imaginações romanescas ou pelo balanço de dois orçamentos ; cria-se a hiperstesia dos negócios turvos, do jôgo ilícito, e muitas vezes o marido faz terminar um dia de cheques com uma noite de tango.

Na taberna do pobre e no club do rico vegetam a dipsomania, o tabajismo, a morfinomania.

^{3/5} dos operários, mortos prematuramente em Lisboa, muitas vezes logo apoz o casamento, são victimas do alcool. Nas camadas sociais mais altas o *grande veneno* das multidões, mascarado com nomes fulgurantes dá origem ao *alcoolismo decente*, como lhe chamou ha dois anos o dr. Sacadura numa conferência sôbre *Higiene social*, intoxicação crónica que é a causa imediata de terríveis doenças e de numerosas taras.

E' na atmosfera mefítica do *lar-veneno* que as maiores crises morais se desenvolvem ; os *lares-veneno* são os viveiros do crime :

“Alcool ! Veneno que conforta
 Monstro satânico e sublime !
 Beber ! beber . . . e a mágoa é morta.
 Quem é que espreita á nossa porta ?
 — O Crime !

Mas eu tenho Fé que os poucos lares cristãos de hoje, se tornem mais numerosos e mais perfeitos nos dias de amanhã. A Pátria, *sindicato de familias* como escreveu Maurras, assim o exi-

ge. Indiscretamente e com optimismo, levantemos um pouco o véu do Futuro, olhemos juntos os

III. Lares d'amanhã

Os poetas teem a sciência de ver nas coisas que hoje são — o que elas eram e o que elas hão de ser. Entremos pois

No Alcaçar dos Poetas

O bons semeurs de blé qui furent mes ancêtres
Et qui du lit des morts rêvez de nous, peut-être,
Que vos mânes profonds ne soient pas offensés
Si je n'ai pas marché les pieds dans votre trace,
Si je n'ai pas, fidèle à l'oeuvre de ma race,
Repris votre sillon où vous l'aviez laissé.

E' um hino ao culto dos mortos feito pela sensibilidade delicada de Louis Mercier, o autor do *Poème de la maison*.

O poeta canta enternecido a chaminé e a lampada e o Cristo que viram os seus olhos de criança e podia dizer como o pequeno Tytyl, de Maeterlinck : «cada dia é um domingo de festa em cada casa quando a gente tem olhos de ver, alma para sentir e coração capaz de agradecer !... » A' frente dos poetas portugueses que dão ao seu éstro uma feição cristã tão utilitária, lançando, em rima, as sementes de muitos futuros lares, encontra-se inquestionavelmente António Sardinha. Oiçamo-lo, dirigindo-se a sua mulher, nessa formosa poesia, *A róca* :

Aí a tens, ó minha doce Amiga !...
Empunha-a como um sceptro, nobremente,
E não te esqueças que a mulher antiga
Com ela é que vestia a sua gente.

.....

Presides aos serões no inverno, quando
Na cinza do borrarho o fogo dorme.
As servas te rodeiam trabalhando,
Áos pés se te enrodilha um gato enorme.

.....

Cheios de orgulho, ó minha doce Amiga,
 Dirão os nossos netos ámanhã
 Que tu, a exemplo da mulher antiga,
 Guardaste a casa e que fiaste a lã!

Para o tumulo da mulher cristã dá Eugênio de Castro, em 1921, a seguinte inscripção :

... Fiou, foi esposa e mãe, foi linda e mansa —
 As joias, os cosméticos e a dança
 Nunca a tentaram...

O conselheiro Luiz de Magalhães, outro poeta do lar, escreveu tambem, algures, referindo-se a sua mulher :

Guarda as chaves da casa — a das arcas do grão,
 A do azeite e do vinho — emblemas da fartura.
 Mas guarda mais ainda a do meu coração,
 Que é a arca onde encerraste a tua propria ventura.

Do fado ao poema, do soneto á redondilha, oiço por toda a parte acordes tradicionalistas. E' mais difficil auscultar o sentir dos homens d'arte — mais retraídos e herméticos.

Procuremo-lo fazer no

Refugio de artistas

«Este mundo decrepito é-me odioso — escreve o P.^e Didon, a um amigo — ... deixae-o e vinde para a montanha.»

Quando visitei ha pouco um local êrmo, ventoso e quási inaccessible das cercânias de Lisboa, fui encontrar o esbôço duma linda residência que a Morte não deixou que o seu proprietario terminasse. Milionário, o homem d'arte que a fazia construir procurava, por certo, como Buffon, um ninho d'águia para descansar e se tornar mais homem, para renovar, como Tyndall, o seu contracto com a Natureza.

Onde estão os nossos mais puros homens d'arte ?

Quási todos envoltos na nuvem que torna invisivel, comungando dia a dia, com os seus sonhos de beleza !...

As suas salas serão amanhã dum regionalismo flagrante, as architecturas das suas casas, á antiga portugueza, terão o seu evocador alpendre e dos craveiros das janelas voarão perfumes para todo o lar.

Já uma poetisa e um arquiteto d'hoje trabalham, com carinho, na formação destas casas, que hão de refflorir amanhã.

Distingo agóra, no horizonte, uma pleiade, cada vez mais numerosa, de obreiros : são os *homens de saber*. Não teem óculos em narizes aduncos, nem cabeleiras de buces polvilhados.

Ternos e amováveis, como nenhuns, vejo-os mal cotados, com flagrante injustiça, como patriarcas da Casa. Piquemos, para espreitar, os

Casulos do Pensamento

Foi num retiro silencioso, numa casa modesta da Ajuda, que um grande pensador português — Alexandre Herculano — compôs as tintas fortes da Historia de Portugal e tambem á lareira, em S. Mamede da Castanheira do Vouga, Castilho, nacionalisa a sua musa e escreve algumas das suas obras. No fundo o intelectual, que parece um pouco indiferente ás coisas affectivas é, pelo contrário, extremamente sensível ; o homem de sciência antigo, ridiculo, abstracto, aborrecido, pedante, póde ser já hoje classificado como *espécie extinta*.

O tipo de *casulo do pensamento* encontra-se no lar de Pasteur, lar cristianismo e sciência, lar ternura e trabalho.

«Tout ce que je vous demande, mademoiselle, escreve o célebre químico a M.^{elle} Laurent que será depois sua mulher, tout ce que je vous demande c'est de ne pas me juger trop vite. Le temps vous dira que sous ce dehors froid et timide qui doit vous déplaire il y a un coeur plein d'affection pour vous.» Ei-lo, agora, ao inegalavel experimentador, batido pela desgraça de perder uma filha. . . «Elle est heureuse. Songeons à ceux qui restent et efforçons nous de prévenir pour eux, autant qu'il est en notre pouvoir, les amertumes de cette vie.» E' bem conhecida a morte edificante do illustre sábio, acalentado pela mulher forte que foi M.^{me} Pasteur, reconfortado pela presença dum Cristo Crucificado, que êle apertava na mão. Entre os lares dos homens de

sciência descrentes citemos o de Berthelot, que foi exemplar. A França fez colocar o corpo de M.^{me} Berthelot lado a lado com o de seu marido, no Panthéon, respeitando assim os laços intimos que os tinham unido. Está ainda na memoria de muitos a casa cristã de Sousa Gomes, — para só falarmos dos mortos — de Sousa Gomes o insigne cristão que foi catedrático de química em Coimbra, *marido e paé estremoso e avô encantador*, como escreve Ferreira da Silva, o venerando químico do Porto, outro católico praticante.

Foram *casulos do pensamento* os lares modêlos de Ozanam, Montalembert e Margerie — todos homens de letras afamados.

As lareiras desta espécie constituirão unidades sociais das mais solidas, das mais carinhosas, das mais cristãs no futuro da humanidade ; a Balzac já se opõe Mantegazza : no horisonte são d'oiro as torres de marfim !

*

* * *

Artistas, poetas e scientistas ! . . . Vossos lares d'amanhã serão, pela graça de Deus, mais numerosos do que hoje ! Outro lar será considerado ao vosso lado, lar que foi primeiro dependencia da Casa, que depois ocupou os cantos das cidades e foi jardim, nas aldeias, lar que terá amanhã a prespectiva ampla dum campo de batalha. Todo o respeito é pouco para nêle entrarmos. Descançam, do seu labutar, ossos dispersos dos construtôres da Pátria. Estamos

Na Casa dos Mortos

No campo santo onde repousam os mortos vejo cruzarem-se amanhã dois imensos cortejos ; o primeiro formado por aqueles que se deixaram seduzir por miragens sociais criadas em atmosferas de mentira ; destacam-se, entre outros, Diderot e Rousseau, Lenine e Trotsky, Marx e Kropotkine, Tolstoi, Gorki e Bela Kun ; beberam principios de morte, pedem um canto para morrer ; no segundo brilham figuras tranquilas e másculas, no peito a cruz de Cristo e a alegria do dever cumprido : é a legião dos tradicionalistas ; vem ouvir com recolhimento o que as campas lhe

diz porque sabe que no campo em que as famílias repousam se cruzam os écos das mais fortes palavras de vida.

Uns tiveram o culto da morte ; os outros, o culto dos mortos. Vão êstes regressar, retemperados, aos seus lares de oração e de trabalho. Deixemos os primeiros, novos Asheverus, errantes caminheiros, que não conhecem o sentido da morte e não teem um canto para bem morrer ! Porque para bem morrer é preciso ter braços amigos que nos acalentem e braços amigos que nos chamem : a multidão dos sem familia só a si quiz estar subordinada.

Dos cavaleiros de Cristo quási todos teem um lar, dóce e tranquilo, modesto e recatado, onde ha florescências de intelligência e de paz, de amôr e de alegria : é o

Lar-coração

Lar-coração ou *salvação* — como quizerem, para ti sobem todas as esperanças, occupas tu o mais subido lugar ! E' que

«*Se o Senhor não edificar a Casa, em vão se teem posto ao trabalho os que a edificam.*»

(Sálmos, CXXVI)

Este salmo, de flagrante actualidade, alicerceou numerosos lares que o tempo foi extinguindo.

A Cruz, foi o escôpro de muitas casas d'ontem, levantadas por entre o arruir do paganismo ; em seguida, a Virgem foi a criadora dos gínceus cristãos quando a mulher conquistou o seu lugar de rainha. Hoje, era de egoísmo, de individualismo *à outrance* ; era de *filantropia* — termo eloquente importado da mercantil América ; era de *struggle for life* e de super-humanismo, só o proprio Jesus, coração aberto a todos os vendavais hodiernos pode sustentar a Casa, na sua pureza primitiva ! Ele nos diz :

«*Dá-me hospedagem d'amor no teu lar e eu o farei eterno em meu sagrado coração . . .*»

*

*

*

Seria fácil e interessante demonstrar, quasi scientificamente, a lógica social da devoção ao S. Coração de Jesus. O dr. Almeida Correia produziu em tempos um conceituoso discurso neste sentido.

A família, de origem natural e divina é, indiscutivelmente, a célula, a unidade social ; constitue-se, na lei cristã, pelo casamento, um sacramento. Não basta, porém, o sacramento do matrimónio para conservar a *família cristã*. Muitas famílias cristãs teem êrros, vícios e costumes das famílias pagãs. Para que haja família cristã é necessário que se mantenha nela o espirito de Jesus Cristo, para o que concorre :

- 1) A consagração das famílias ao Sagrado Coração
- 2) A entronização do Sagrado Coração nos lares.

A família que assim procede reconhece em Jesus Cristo *um chefe, um senhor e um modelo* ; Cristo passa a constituir modelo de : *fidelidade, paternidade, fraternidade e obediência*. Só ha entronização de Cristo nas famílias quando se realizar, na Casa :

unidade de pensamentos — com a mesma Fé ;
 » » conducta — » » » Moral ;
 » » sentimentos — » o mesmo Amor,

amando-se todos em Jesus Cristo e como Êle quer.

Só então a architectura intima da família se realiza, porque as suas leis são respeitadas e o amor toma um sentido progressivo.

Só então cada dia que passa robustece o Lar, abertas as almas ao eterno amor, abertos os olhos á eterna beleza.

... E as tranças loiras embranquecem, no santuário da Casa em que Deus olha, e o amor, sempre crescente, vai procurando o Infinito,

*

* * *

Minhas Senhoras e meus Senhores :

Terminámos a nossa jornada. Nela :

Recordámos. Observámos. Previmos.

Colhemos :

Primeiro uma *saudade* ; depois um *martirio* ; por fim uma *esperança*.

A esperança será uma realidade de amanhã se as Senhoras portuguesas auxiliarem fortemente esta *Liga d'Acção Social Cristã*, as *Escolas Ménagères*, as *Escolas para as crianças pobres*, as *Associações de S. Vicente de Paula* ; se criarmos uma instituição semelhante ao *Foyer*, de Paris, á frente do qual está, desde 1913, Henry Bordeaux e que tão bons resultados tem produzido ; se organizarmos pensões catolicas destinadas aos estudantes que venham da provincia para os grandes centros de cultura ; se formarmos sindicatos catolicos com alunas dos liceus e das Escolas Superiores, com artifices de trabalhos manuais, com todos os profissionais, em geral ; se as famílias constituirem federações, por freguezias, no intuito de organizarem uma defeza colectiva, metódica e proficiente, em caso de necessidade ; se houver possibilidade de conseguir do Estado a promulgação de leis favoraveis, tais como a diminuição progressiva de encargos á medida que o número dos filhos aumenta, a revogação das leis attentorias da estabilidade conjugal ; se todos fizerem enfim a politica da moral — a contrapor á imoralidade da politica.

Se assim fôr os lares cristãos serão, por excelência, os lares do futuro, os *lares d'amanhã*. Dêles sairão os homens bons, filhos de Deus, que hão de criar um novo capital de graça. Para os saudar levantam-se da poeira dos tempos os patriarcas antigos de longas barbas brancas. O nosso coração já os pressente ; os nossos olhos já os descobrem ! . . .

A' frente vem Abraão, Isaac, e Jacob. Das velhas catacumbas sobem ruídos surdos ; é o estalar do mármore dos tumulos duplos *biscomium* em que dois esposos repousam lado a lado,



numa glorificação da familia romana : *Vivatis in pace* — dizem inscripções antigas ; *semper concordés* : tal foi a sua vida. No *loculus*, perto das cinzas, o frasco que outr'ora conteve sangue dos dois atesta que ambos foram martyres, no Coliseu de Roma, morrendo do mesmo Amor : morreram juntos e no mesmo dia, morreram da mesma morte, viveram na mesma fé, sonharam o mesmo ideal, usaram o mesmo nome, partilham o mesmo tumulto ! . . .

Mártires, de pé ! . . . Vinde, Mártires e Patriarcas, vinde dar baptismo aos lares cristãos d'amanhã, lares que foram ontem nobreza, com Cornélia, bravura com Celinda e com Porcia, patriotismo com Filipa de Vilhena e com Mariana de Lencastre, honra com Eponina e com Arria, amor com Sára, Raquel e Rebecca, fidelidade com Isabel Juliana de Sousa Coutinho, intelligência com Branca de Castela, caridade com a Rainha Leonor, doçura com Isabel de Portugal — a que foi Santa e Rainha ! . . .

Lares em cujos berços bemditos distingo os homens de amanhã — que ensinarão a pensar áqueles que hoje pensam ; a lutar áqueles que hoje lutam ; a orar, áqueles que hoje rezam ; berços que como as náus da Descoberta embalam sonhos e esperanças — sonhos que são orações ; esperanças que são aspirações de Herois ! Berços em que o génio do Portugal d'outrora concentra forças porque quer voar !

Alma dormente de toda a Raça Antiga : *as asas*, aí as tens !
 Nas espirais de fumo das lareiras, Pátria — sóbe até Deus !





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329648363

DO MESMO AUTOR

- A Ideia e a Ideia** (Problema da Associação de Ideias). — *Revista de Educação Geral e Técnica*, 1915. Tese.
- Vicente de Sousa Brandão** — *Revista de Química pura e aplicada*, 2.^a série, 1.^o ano, IX e X, 1916.
- Estudos de Análise espectral, realizados sobre os minerais de urânio e de zircónio portugueses.** *Arquivos da Universidade de Lisboa*, vol. III, Tese 1916 (Citados pelo duque de Gramont, na Academia franceza : C. R. t. CLXVI, Março, 1918).
- Etudes spectrographiques des minéraux portugais d'uranium et de zirconium.** *Comptes Rendus des séances de l'Académie des Sciences*, t. CLIV, 1921. Nota apresentada por Armand Gautier na Academia franceza.
- Sobre algumas objecções feitas aos estudos de análise espectral.** *Revista de Química, pura e aplicada*, 2.^a série, 2.^o ano, 1917.
- Tabelas para a determinação de minerais, por meio dos caracteres externos.** 1917. Aprovadas oficialmente para o ensino secundário : D.^o do Governo de 20-6-1919.
- Sobre o em régo das «crises últimas» em análise química.** *Revista de Química, pura e aplicada*, 2.^a série, 3.^o ano, 1918.
- Vida dum cristalógrafo português.** *Anais da Academia Politécnica do Porto*, dirigidos por Gomes Teixeira, t. XIV, 1918.
- Paulo Choffat.** *Revista de Química*, 2.^a série, 4.^o ano, 1919.
- A água da Felgueira.** *Revista de Química*, 2.^a série, 4.^o ano, 1919. Em colaboração com o Prof. Achilles Machado.
- A geologia portuguesa e os seus fundadores.** *Anais da Academia Politécnica do Porto*, de Gomes Teixeira, t. XIV, 1920.
- Augusto Righi.** «*L'Arduo*» *periodico di pensiero*, Bolonha, 1920. Em colaboração com os Prof. Benedicks, Bouasse, Bouty, Enriques, Guarducci, Knudsen, Leduc, Lozentz, Maltézo, Paternó, Pincherle, Rubens, Tyndall e Warburg.
- Sofismas da Mocidade.** Conferência de formação moral. Braga, 1920.
- A petrografia do céu.** *Contribuição espectral para o estudo dos meteoritos portugueses.* Memória apresentada ao Congresso luso-hespanhol do Porto, 1921.
- Sobre um novo método químico físico para o estudo da matéria no estado cristalino.** Memória lida no Congresso luso-hespanhol do Porto, 1921.
- Estudos espectralis realizados sobre os minerais de tungsténio portugueses.** Academia das Ciências de Lisboa. *Jornal de Ciências Matematicas, Fisicas e Naturais*, 3.^a série, n.^o 8, Imprensa Nacional de Lisboa, 1921.
- Os fenómenos magneto-ópticos e a constituição da matéria** — O efeito Faraday — Tese. Lisboa, 1921-22.
- Etude spectrographique d'une météorite portugaise.** *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, t. CLXXIII, 1921, Dez.^o Nota apresentada pelo duque de Gramont, na Academia franceza.
- Etude spectrographique des minéraux portugais de tungstène.** Idem Nota apresentada por de Gramont, na Academia franceza.
- Notas de Toxicologia química** — *Archivo de Medicina Legal*, vol. 1, 1922. Lisboa.
- O Lar.** Conferência. Lisboa, 1922.